Parte I

Professor: A primeira característica marcante de Santo Agostinho é que ele é o primeiro grande santo de quem se tem uma autobiografia. O sujeito descrevendo a própria vida interior dele, desde antes de qualquer inclinação espiritual, até uma conversão final e depois dessa conversão. Outra característica interessante é o fato de toda essa conversão e a vida espiritual ter um traço marcadamente intelectual. Mas o mais interessante na vida de Santo Agostinho é quando nós lemos as confissões e vemos o momento da conversão dele. O que esta conversão significou efetivamente naquela vida? Esse é um ponto interessante e a maior parte dos especialistas em teologia mística concorda em dizer quer aquele momento de conversão de Santo Agostinho não foi um início de vida espiritual, foi o término. Naquele momento de conversão ele realiza a sétima perfeição espiritual.

Lembram que nós falamos em aulas anteriores das sete etapas de adequação entre a alma e Deus, até chegar à sétima perfeição, em que o sujeito se descobre em Deus. A maior parte dos especialistas em teologia mística, ao estudar Santo Agostinho concorda que aquela conversão não foi o início da vida espiritual, mas foi o término de um processo de purificação e perfeição. Isso é interessante para nós vermos como essas coisas de vida espiritual são sutis. Do ponto de vista do próprio Santo Agostinho, até então, ele estava imerso em pecado.

Qual o momento na vida de Santo Agostinho em que ele começou a vida espiritual? Nesse ponto, também a maioria dos autores são unânimes, que é quando ele leu o Hortêncio, de Cícero. Quando ele lê esse livro, ele descobre aquele primeiro dia da vida espiritual, que é quando Deus diz: "faça-se a luz" e a luz se fez, e Deus separou a luz das trevas.

Naquela ocasião em que ele está em casa e lê o Hortêncio, ele descobre a diferença entre dois tipos de vida. Ele descobre que existe uma vida cujo sentido é a busca da sabedoria. Existe uma sabedoria que é a essência da vida. Quando ele descobre isso, ele descobriu a diferença entre luz e trevas. Ali ele entrou na primeira morada. Daquele momento em diante, ele já não estava mais no inferno. Daquele momento em diante, tudo o que acontece na vida dele, é sempre encarado, em última análise, sob a ótica dessa distinção. Naquele momento, tudo o que ele sente, deseja e faz, é julgado sob a ótica desta vida, ou desta sabedoria que ele descobre aos 18 ou 19 anos. A partir dessa descoberta, ele se dá conta de que a vida dele é uma vida de erro.

Aluno: Mas aí já é considerada a primeira morada?

Professor: Sim. A primeira morada marca um caráter no sujeito. Quando o sujeito adquire uma distinção clara entre a verdade e o erro na vida dele.

Aluno: O erro aqui não é a mesma coisa que a soberba?

Professor: Não, a soberba aqui é a última coisa a ser vencida.

Aluno: A primeira morada então é quando o sujeito percebe em si mesmo os seus erros e seus acertos?

Professor: Exatamente. É quando passa a existir no sujeito um critério para julgar ele mesmo que é independente das preferências dele. Em nenhum momento depois disso, ele passa a pensar que não existe o certo e o errado. Quando o sujeito adquire isso, ele sempre sabe que existe o certo e o errado, por mais errado que ele esteja.

Aluno: Mas não daria para dizer que isso é intuitivo?

Professor: Sim e não. Como um pano de fundo, sim. Como uma descoberta consciente, não. Isso geralmente acontece por algum episódio na vida da pessoa e naquele momento ela descobre.

A conversão final de Santo Agostinho, quinze ou dezesseis anos depois, é a consumação de um processo espiritual e nós vamos ressaltar bastante esse ponto, pois vocês vão ver como esse ponto é importante depois.

No momento em que ele lê o Hortêncio, ele concebe uma vida humana. A vida de filosofia, a vida de amor a sabedoria. Ele fala que aquela é a vida excelente, aquela é

a vida correta, aquela é a luz da vida dele. Essa idéia passa a ser a luz da vida dele e tudo o que ele faz, no fundo da consciência dele, é julgado por essa idéia. Tanto que todo o comportamento posterior dele se explica por isso. Isso passa a ser a diretriz da vida dele.

Moisés coloca que no primeiro diz Deus cria a luz e a separa das trevas. Existe um estágio inicial na vida humana, em que a luz e as trevas estão permistas. A infância é um processo de experimentação, então, no começo da infância a distinção entre bem e mal, certo e errado, não é clara. O que tem, é que a maioria das crianças, não a totalidade, tem muito pouco do vício que nós chamamos de malícia. Então, elas têm poucos motivos para fazer o mal. Uma coisa é o sujeito ter a experiência do bem e do mal num ato.

Por exemplo: Eu me lembro de quando era pequeno, quando eu tinha por volta de uns cinco anos, eu pegava o martelo em casa e ia para o quintal martelar as formigas e eu matava cada formiga que aparecia. Um dia minha mãe chegou e explicou: "Gu, está vendo essa formiguinha que você esmagou? Ela estava voltando da escola para ir à casa da mamãe dela, e a mamãe dela está lá esperando, e agora ela nunca vai chegar. Ta vendo aquela outra? Aquela outra era a mamãe indo ao supermercado comprar comidinha pro filhinho, e agora o filhinho nunca mais vai ter comida".

Eu percebi a diferença entre o bem e o mal naquele ato. Evidentemente, ela me colocou na situação, porque eu era a criancinha e ela era a mãe e daí eu percebi o que estava acontecendo e o que eu estava fazendo. Depois, eu passei uns dois meses andando na ponta do pé para não pisar em formigas. Isso não deu um rumo para a minha vida. Eu lembro claramente da experiência que deu um rumo para a minha vida.

Eu estava lendo um texto sobre o que é Deus. Eu tinha 19 anos e aí eu percebi o que era a vida, eu percebi que existe uma vida excelente e uma vida ruim.

Aluno: Que texto é esse?

Professor: Foi um capitulo de um livro do Schuon sobre o que é Deus. Até então, a religião era um dos deveres da minha vida, da mesma forma que você tem deveres para com os pais, deveres para com a sociedade, você tem deveres para com Deus também. Minha visão era mais ou menos jurídica. Eu sabia que tem Deus no universo, que ele também conta, mas aquilo não era realmente importante. Meu interesse central era a ciência. Quando eu li aquela descrição, aquela exposição do que é Deus, eu percebi que era aquele objeto que eu queria entender, que era aquilo que eu queria saber o que era.

Quando Santo Agostinho lê Hortêncio, ele descobre qual é a vida que ele realmente quer ter, e o fato de ele ter descoberto a vida espiritual pelo símbolo ou pela forma da filosofia vai ter uma importância crucial na história do ocidente.

O que é santidade? O que é o sujeito ficar santo?

Quando o sujeito fica santo, ele mesmo não muda tanto. Vou usar a definição bastante técnica de São Tomás de Aquino. Ele fala que santidade é uma sabedoria humana à qual Deus dá a vida divina.

O que é uma sabedoria?

Ele mesmo explica que uma sabedoria consiste em um princípio ou critério para ordenar tudo na vida para o que é mais excelente. A característica da sabedoria é que esse princípio não é conhecido de modo claro e distinto. A sabedoria não é um conhecimento ou um entendimento, é simplesmente você perceber que existe um princípio diretor na vida e que aquele princípio é o mais excelente. Se você viver completamente dentro daquele princípio, ou segundo aquele princípio, você tem a vida mais excelente. É uma espécie de pressentimento do mais excelente.

Se alguém perguntasse naquele momento para Santo Agostinho em que consiste viver segundo a filosofia de que ele estava falando, ele não saberia explicar. Ele não saberia decompor aquilo em atos, em comportamentos, em intenções e etc., ele só captou o núcleo da coisa.

Muitas vezes, na maioria dos casos, essa experiência é tão diluída no tempo, é um processo de experiência que demora um, dois, três, quatro meses, que o sujeito depois não se recorda de ter sido aquele o momento crucial da vida dele. São poucas as ocasiões em que a experiência é tão compactada no tempo que o sujeito se recorda do momento em que sua vida mudou. Foi aqui que a vida dele não tinha um rumo, e agora tem, mesmo que não seja fiel a ele, ela tem um rumo interno, tem um juiz interno.

Essa sabedoria inicial, que no caso de Santo Agostinho correspondia à idéia de viver uma vida de filosofia, quer dizer, uma vida de amor à sabedoria, foi crescendo e se articulando na alma dele. No decorrer dos quinze ou dezesseis anos que se passam entre o momento inicial e a conversão final dele, ele foi descobrindo muitas coisas sobre o que era essa vida. Ele foi descobrindo nele as tensões internas que são contrárias a essa intuição original. Ele foi experimentando o que todo mundo que adquiriu essa consciência experimenta: ele é como que dois eles. Um que é cônscio desse princípio aqui e outro que é completamente independente e quer viver do seu próprio jeito. A simples descoberta desse "eu inferior", que tem suas próprias inclinações e que já existia antes dessa intuição, quer dizer, descobrir os modos e os graus em que ele é indiferente ou contrário a vida espiritual, vai reorientando a vontade do sujeito como um todo.

A nota importante em Santo Agostinho é o fato de ele ter descoberto isso por meio da filosofia. A vida que ele quer é a vida filosófica. Isso é importantíssimo porque quando ele chega no momento da conversão, ele descobre que esta vida aqui, isso que ele chama de filosofia e que já a quinze anos ele deseja, é Jesus Cristo. Esse é o momento em que Deus dá vida divina a sabedoria dele e por incrível que pareça é isso que inseriu a filosofia grega no mundo cristão. É o fato de na pessoa dele as duas coisas terem se tornado uma só que faz com que a filosofia entre no mundo cristão.

Essa sabedoria humana pode se revestir das mais diversas formas.

Aluno: Mas Platão e Plotino estavam diretamente conduzindo para o cristianismo.

Professor: Sim. Platão e Plotino estavam falando disso, mas num contexto e com um discurso completamente diferente e independente. Outra coisa que não podemos esquecer é que no período em que Santo Agostinho vive, a cultura grega é, ao mesmo tempo, Platão, Plotino e Aristóteles, mas são as escolas de pensamento que têm representantes vivos naquele momento e essas se afastaram muito do objetivo proposto por Platão, Aristóteles e Plotino. Como os maniqueus ou os próprios acadêmicos. Os acadêmicos de Santo Agostinho só têm em comum com Platão o nome. Então, o fato do que restava de vivo da cultura grega ser tão contrário à origem da filosofia grega é que levou os primeiros cristãos a dizer que aquilo não tinha nada a ver com a vida espiritual. O fato de Santo Agostinho ter descoberto a vida espiritual na filosofia é o que faz com que ela entre no cristianismo. É nisso que Santo Agostinho é crucial na história, ele não é apenas mais um santo. Esse santo vai mudar o rumo da história mesmo porque ele entrou na vida espiritual não pelo cristianismo, mas pela filosofia e culminou na vida espiritual descobrindo a identidade dessa sabedoria que estava no íntimo dele e Cristo.

Os sinais de que é esse o processo são muito claros porque, do momento da conversão, que é um período muito curto, para adiante a vida dele é muito diferente. A vida dele a partir daquele momento de conversão é caracterizada por uma paz interior, não por um conflito interno.

Essa paz tão profunda é aquela que fala "bem aventurados os pacíficos". Não é apenas a paz de uma consciência tranqüila, porque uma consciência está tranqüila na medida em que o sujeito se comporta direito. Quando ele se comporta errado acabou a tranqüilidade da consciência. Essa paz de que trata o evangelho e que é alcançada por Santo Agostinho nesse momento é independente do comportamento do sujeito. Quando ele alcança essa paz ele sabe que não importa a vida de pecado que ele teve, embora toda essa história de pecado seja o contrário da vida que ele quer, ela não cancela essa realidade, ela não tem como se equiparar a essa realidade.

O que caracteriza essa paz?

Em toda alma, existe algum desejo que é mais profundo, é aquilo que a pessoa mais deseja. Em toda alma existe um desejo muito profundo, que é a diretriz fundamental do sujeito, e quando ele descobre essa luz, toda a vida espiritual dele vai ser um conflito entre esse desejo mais profundo e essa luz. Nessa conversão final acontece que no decorrer desse conflito, esse desejo mais profundo sofre uma série de transmutações. É o mesmo desejo, mas que foi sendo mudado. Usando a expressão das Escrituras mesmo: "como o ouro provado sete vezes no crisol é a alma do que foi justificado". A alma aí está significando esse desejo mais profundo da vida.

Aluno: Santo Agostinho queria ser rico e famoso.

Professor: Mais fundo do que esse, ele tinha o desejo de se sobressair sobre os outros. Ele fala que o que induziu ele a uma série de pecados foi o desejo de ser o número um dos pecados. O desejo de ser o número um é o mais profundo nele.

Ele descobre que a raiz do desejo mais profundo é o próprio Deus. É como se ele tivesse despido o desejo da forma pela qual o desejo se apresentava para ele.

Tem uma passagem em Aristóteles que se refere justamente a isso. Num dos tratados de Ética, ao falar da sorte, Aristóteles menciona o caso das pessoas que são movidas diretamente por Deus. Ele primeiro explica porque o indivíduo deve sempre seguir a ordem da razão e para agir ele deve esperar o juízo claro da razão, então só nessa passagem ele menciona que existem pessoas que são movidas ou inspiradas diretamente por Deus e essas pessoas não devem esperar o comando da razão e essa é a única exceção à regra.

Do que ele está falando?

Ele está falando que você tem um desejo mais profundo e que para seguir esse desejo você deve submetê-lo ao juízo da razão.

O que é o juízo da razão?

É essa intuição original sobre a vida mais excelente, ou sobre a pessoa mais excelente e assim por diante. Basicamente, é uma intuição original sobre o propósito mais excelente da sua própria vida. Você está sempre submetendo uma coisa a outra, e é natural isso. A vida espiritual de um sujeito é a luta para submeter os desejos a esse juízo. O que acontece no final da vida espiritual é que há uma virada nas relações, uma conversão das relações e é por isso que é chamado de conversão. O sujeito descobre que na sua forma mais original, esse desejo é uma inspiração divina, que vale mais do que a sabedoria que ele possui.

Aluno: [Esse desejo] pode ter passado a vida inteira com jeito de pecado? Aluno: Esse desejo é equivalente a graça.

Professor: Não exatamente. A graça é o que permite a depuração desse

desejo até você descobrir a essência dele.

Existe uma comparação clássica para explicar esse processo. É a

comparação da imagem e do espelho. Considera a sua alma como um espelho e diante dessa alma está a realidade, que é Deus. A luz divina se reflete no espelho, mas o espelho, numa certa medida, distorce a imagem. Todo espelho distorce um pouco a imagem e você olhando para aquele panorama inteiro, você decide onde quer viver, decide que aquilo é o que você quer. Então esse passa a ser o desejo mais profundo da alma. O momento final de conversão é quando o sujeito descobre que aquilo ali é o que está por trás do espelho.

A luz refletida pelo espelho é a luz do objeto, ela não é outra coisa, ela é o próprio objeto na forma luminosa. Simplesmente, até aquele momento, o sujeito tentava alcançar a imagem no espelho, só que o espelho é um obstáculo entre ele e a imagem.

Vocês já viram filhotes de animais na frente do espelho?

O cachorrinho que fica latindo para o cachorrinho que está no espelho.

É a mesma coisa com a gente. Quando ele tenta alcançar o que está por trás

do espelho, ele bate no espelho. Isso significa que o próprio espelho além de representar a alma, representa a sabedoria que separa o sujeito do objeto do desejo.

Na alma humana, primeiro existe uma força principal, quer dizer, existe um desejo principal. Esse desejo, provavelmente, é determinado na infância ou talvez na

adolescência, ou até antes e o sujeito só vai se dando conta dele, pouco importa. Esse desejo ocorre simplesmente da percepção que o sujeito tem do mundo.

Vocês lembram de quando nós tratamos da diferença entre a percepção da realidade e a percepção do seu próprio sonho psíquico? A percepção dos objetos enquanto realidade e a percepção deles enquanto apenas objetos de percepção que existem dentro de você.

Lembram de quando o sujeito vai comprar uma camisa e ele decide que gosta de uma. Ele poderia, nesse momento, se perguntar do que é que ele gosta, qual é a realidade daquilo que ele gosta. Ao invés disso, ele simplesmente estoca essa experiência na memória e a camisa real passa a ser apenas um símbolo dessa experiência de prazer e de gosto. Essa experiência toma o lugar da própria camisa na mente dele e toda vez que ele usa a camisa ou vê a camisa ela existe apenas para reproduzir essa experiência.

Essa experiência é a imagem da realidade no espelho. Ela não é mais a realidade. A camisa em si é parte da realidade. Assim aconteceu com a gente desde a mais tenra infância. Nós experimentamos as coisas e no momento em que as experiências nos marcam, as coisas passam a ser símbolos para trazer, ou reproduzir a experiência. É assim que acontece quando nós pensamos gostar de alguma coisa e meses ou anos depois experimentar essa mesma coisa e descobrir que não gosta. Você não gostava da coisa, mas de determinada experiência, que por acaso aconteceu com essa coisa e a imagem dessa experiência ficou na sua mente e você supersticiosamente está apegado a coisa como um instrumento de reprodução da experiência. Nesse momento você está desligado da realidade.

A questão é que são as mesmas coisas que podem ser encaradas do ponto de vista da realidade e do ponto de vista da experiência subjetiva. É só isso que confunde.

Deu para compreender, que na imagem do espelho você tem um objeto luminoso e a imagem dele, o que é um objeto e o que é a imagem?

O objeto é a própria camisa e aquilo na realidade da camisa que causou gosto. No momento em que eu gostei, a experiência de gostar toma o lugar da realidade.

Isso quer dizer que o desejo mais profundo se refere originariamente a algum aspecto da realidade do objeto e não a uma experiência que você teve. A experiência foi só um canal pelo qual você percebeu e teve um primeiro contato com a realidade do objeto.

Aluno: Em Agostinho era o desejo de fama.

Professor: Em algum momento ele deve ter observado pessoas que são os primeiros em alguma coisa. Ele observou o objeto e percebeu que daquilo ele gostava e era o que ele queria. Nesse exato instante ele poderia ter se perguntado: "o que é isso que eu gosto?". Ao invés disso, ele simplesmente registrou a experiência e procurou objetos com os quais ele poderia reproduzir essa experiência.

Esse processo de sobreposição do amor a experiência ao amor ao objeto é o que em teologia mística se chama de luxúria. A luxúria é a substituição do objeto pela experiência.

Quando o sujeito percebe os objetos, ele não está perseguindo os objetos, ele está perseguindo uma experiência. Ele está perseguindo um aspecto dele mesmo.

Depois que o sujeito tem isso, um tempo depois, ele tem uma outra experiência. Essa primeira experiência que marca o ser humano é quando ele descobre do que ele gosta, o que ele quer. Até aí, enquanto o sujeito está assim, ele vive em trevas. O sujeito que está amando e buscando a reprodução de experiências ao invés da realidade está nas trevas. Ele está desligado da realidade. Até o dia em que ele tem uma experiência, que no caso de Santo Agostinho é a experiência da leitura do Hortêncio, em que ele intui uma realidade distante e percebe que aquela é a essência da vida dele. Essa é uma outra descoberta e a partir daí a vida dele passa a ter duas diretrizes. Uma é a sabedoria e outra é a fama, ou ser o número um e isso foi englobando todos os outros pecados, como ele mesmo fala. É a força diretriz dos pecados na alma dele.

A partir desse momento, na alma dele existe um conflito onde se tem três forças. Uma diretriz final considerada excelente, que é a sabedoria e em conflito na alma tem-se as forças que são a favor de buscar a sabedoria e as forças que lutam contra. Então, a experiência da vida dele a partir de agora vai ser uma experiência de conflito.

Aluno: A que luta contra é pela fama.

Professor: Se fosse fácil assim, se elas polarizadas correspondessem efetivamente ao bem e o mal, ele não se confundiria.

O fato é que, no exército a favor da sabedoria está cheio de agentes infiltrados contrários a sabedoria. No desejo de sabedoria dele, estão um monte de desejos impuros e no desejo de fama estão um monte de desejos puros. Principalmente, está o primeiro desejo original, quando ele captou o objeto fama e ele captou naquele objeto algo real. Esse é um desejo puro. Por incrível que pareça, esse desejo que parece ser o núcleo das forças maléficas está do outro lado.

Por que ele quis ser famoso?

Porque ele viu a fama e pensou que a fama é um bem. E de fato é. Se não fosse, porque ele desejaria?

No instante seguinte, ele ficou com o registro daquela experiência e passou a procurar outras coisas para reproduzir a experiência. Aí já não era mais o objeto que ele estava perseguindo, se ele sobrepôs ao desejo fundamental um desejo fundamentalmente falso. Essa falsidade que se sobrepõe ao primeiro desejo é a mãe de todos os desejos.

Tecnicamente, a causa ou raiz de o sujeito sobrepor a constatação inicial do que ele gosta ao amor a experiência é o orgulho. Se você investigar o que é a realidade do objeto do desejo você vai ver que esta realidade está além do seu alcance. Você não pode determiná-la. A realidade transcende a sua força individual. Numa certa medida, com a sua força individual, você pode reproduzir experiências. As experiências estão, em alguma medida, sobre o seu domínio.

Então, eu olhei a camisa de que eu gosto, a camisa que eu quero e se você se perguntar: "o que é isto que eu quero", ou você vai encontrar uma barreira e vai dizer que não tem a menor idéia do que é a realidade daquilo, que não consegue penetrar na coisa; ou você vai contemplar e perceber que aquele é um objeto que está além do seu domínio. É nesse sentido que a causa original, o princípio da separação entre o sujeito e a realidade é o orgulho. Se o sujeito eliminar essa raiz, ele não vai ter nenhuma razão para substituir a realidade pela experiência.

O sujeito só vai descobrir isso quando ele descobrir uma realidade que transcende o domínio dele, mas que ele deseja. No caso de Santo Agostinho ele percebeu que aquela sabedoria era o que ele também queria, mas que estava fora do alcance dele. A sabedoria aqui não quer dizer que ele queria ser culto porque a experiência que ele tem ao ler o Hortêncio é uma experiência mística mesmo, em que ele descobre uma realidade que transcende ele e que ele deseja intensamente. Essa experiência ele não tem como reproduzir, não está sobre o controle dele. Ele pretende atingir, mas ele não tem como reproduzir. Quando o sujeito descobre que quer a sabedoria, eu posso como um mestre em retórica aparentar uma sabedoria que eu não possuo, mas cada vez que ele faz isso ele percebe que não é aquela sabedoria que ele quer. Essa é uma experiência que não é falseável. Quando ele descobre essa sabedoria do Hortêncio, ele não consegue substituir essa realidade por qualquer experiência que dá a impressão de possuir. Essa aí é experiência espiritual inicial.

O fato de o sujeito perceber uma realidade que é tão desejável quanto aquilo que já era o desejo mais profundo dele, mas que não é falseável, que não tem como ele enganar ele mesmo que possui a sabedoria. O primeiro objeto que no caso dele era a fama, é uma experiência que num certo sentido o objeto é falseável.

O fato de ele chegar no auge da fama e perceber que aquilo não bastava só foi possível porque ele teve, anos antes, essa experiência da sabedoria, esse pressentimento de uma sabedoria.

O que estava por trás do desejo de fama?

Se você observar o objeto inicial, que ele identifica como fama, e que ele perseguiu tanto, o que ele percebeu no famoso e que inspirou nele o desejo de fama foi um símbolo. O símbolo do sujeito que está no centro do palco, é o símbolo da centralidade e é isso que vai tornar a idéia de "eu" tão importante em Santo Agostinho.

O que chamamos de conversão final é uma síntese entre três coisas que se unificam e se tornam uma só: a idéia de sabedoria, que ele percebe que é Cristo e o desejo de fama, que é o desejo de estar no centro do seu próprio palco, é a mesma coisa. Na conversão dele, as duas coisas são satisfeitas numa só, elas se tornam uma só.

Por que depois da conversão ele não deseja mais a fama?

Porque ele obteve a realidade que foi indicada pela experiência de perceber um famoso. Quando ele alcança essa realidade, ele não precisa da imagem. É isso que quer dizer aquela passagem que diz que Deus não ama a morte e a justiça é imortal.

O que quer dizer "Deus não ama a morte“?

O grande conflito na vida espiritual, do início da vida espiritual até o fim, é o sujeito querer uma sabedoria e para alcançá-la, o desejo, que é o centro de gravidade da psique, tem que morrer. Quando você percebe esse conflito, quando você percebe que têm dois desejos contrários na sua alma, você percebe que para que um prevaleça o outro tem que se extinguir.

Santo Agostinho queria, por um lado, sabedoria e por outro lado, fama. Por causa do desejo de fama ele fazia várias coisas que eram contrárias ao desejo de sabedoria. Para que a vida dele se tornasse uma busca de sabedoria, o desejo de fazer coisas contrárias a busca de sabedoria tem que morrer, porque a casa que luta contra si mesma ruirá. Quer dizer, se o sujeito tem dois desejos íntimos, um dos dois há de prevalecer. Se os dois se mantiverem, a casa vai ruir.

É só percebermos como nós mesmos experimentamos a vida espiritual. Nós experimentamos a vida espiritual sabendo que existem os desejos e a consciência e que um está em luta contra o outro. Se essa luta se estender indefinidamente, a nossa identidade pessoal vai ruir. O sujeito que tem fé, ele fica o tempo todo pedindo para que Deus elimine os desejos contrários à consciência. Quando ele faz esse pedido, ele não é completo.

Lembram quando Santo Agostinho falava que ele pedia, mas não pedia?

Nós não pedimos completamente, porque não dá pra pedir que Deus elimine uma parte de você. No mínimo, aquela parte de você não está pedindo isso. Seria como esperar que a mão ou o pé desejasse a sua própria amputação. Você pode desejar a amputação de um membro seu, mas não completamente. A destruição desse desejo mais fundo e que é a raiz dos pecados é uma mutilação, porque aquilo é você também, aquilo não é outra pessoa. A solução dos maniqueus era dizer que aquilo era outra pessoa, criada por um outro princípio e que vocês iriam conviver para sempre. A solução que um piedoso propõe é que isso é só a parte ruim de você e você tem que desejar a destruição disso. Mas o que Santo Agostinho percebe é que é impossível você desejar completamente essa destruição. Uma parte de você pode desejar, mas a outra não vai. Você não pode desejar que você mesmo morra, você pode desejar que um modo de você morra e aí você deseja parcialmente.

Isso tudo é interferência de dois fatores e é preciso que um terceiro fator venha e resolva. Quando duas partes estão insoluvelmente em conflito, nenhuma delas pode resolver o conflito. Se fossem dois pólos ou duas nações uma poderia eliminar a outra, porque uma não é parte da outra, mas quando o conflito é interno uma não pode eliminar a outra porque vai eliminar a si mesma.

Se o desejo de sabedoria dele eliminasse o desejo de fama dele, ele já não seria mais o mesmo, ele seria um ser mutilado.

O desejo de fama era uma imagem refletida no espelho e o desejo de sabedoria era o próprio espelho. Sem a intervenção do objeto que gera a imagem não é possível resolver o conflito. Quando ele descobre efetivamente Cristo e o cristianismo, ele descobre a sabedoria e a fama que ele queria, ou o que ele queria e que ele chamava

de fama. Ele descobre que possuir aquilo era possuir a sabedoria que ele tanto buscou e estar no centro de si mesmo.

Ele fala que um dos primeiros motivos que o afastou do cristianismo era que ele queria pensar livremente sem as amarras da fé. É simples, quando você se torna cristão, tem uma diretriz do seu pensamento que não é você mesmo, o centro do negócio é Jesus Cristo e não você. Aí o desejo de sabedoria entrou em conflito com o desejo de fama, porque ele tinha que estar no centro do seu próprio palco.

Aluno: Isso é soberba?

Professor: É claro que é soberba e é exatamente ela que separa ele. A soberba é o que faz com que uma experiência seja distinta da outra. Esses dois desejos, o de fama e o de sabedoria, são apenas o símbolo de Deus no mundo exterior e o símbolo de Deus na sua alma. Como eles são símbolos e o mundo da alma não é o mundo do corpo, existe uma descontinuidade entre eles. Se você descobre que as duas coisas que você deseja são meras representações de uma terceira, a posse da terceira satisfaz as duas ao mesmo tempo. Os dois desejos não eram senão símbolos de um outro que não estava sendo captado diretamente.

Nós primeiro tivemos a experiência do mundo externo e depois a experiência do mundo interno. Primeiro você olhou uma coisa, como dinheiro, conforto, poder, cargo e etc. e decidiu que queria aquilo. Isso é uma experiência, um símbolo que é percebido no mundo externo.

Como você percebe que você quer isso?

Não é olhando você, é olhando as coisas. Das coisas, qual é a que você quer? Das posições, qual é a que você quer? E você decidiu que é isto aqui que você quer. Isto aqui é o mundo, é o que você quer do mundo. Um dia você percebe o que você quer da sua alma, quando você percebe quem você quer ser. No caso de Santo Agostinho do mundo ele queria a fama e da alma ele queria sabedoria. Essas duas coisas não são realmente distintas. Uma é a imagem refletida no espelho e a outra é a própria natureza do espelho. As duas coisas são derivadas do objeto. Uma é o símbolo interior e a outra é o símbolo exterior. O único problema pro sujeito saltar aí é que a identidade entre esses dois desejos não é compreendida.

Toda vez que Santo Agostinho olha pra ele mesmo ele vê dois desejos, ele não vê um. Ele vê o conflito entre a carne e o espírito, de que fala São Paulo. Se nós nos observarmos vamos ver o mesmo conflito entre a carne e o espírito.

E se eu te disser que essas duas coisas que nós chamamos carne e espírito são representantes de uma terceira coisa, que é uma só? E que cada uma recebe a sua positividade dessa terceira que possui as duas positividades?

Essa terceira não é representante de uma quarta. É ela mesma uma autoridade final.

Nesse momento, Santo Agostinho percebe que o que ele quer não é nem a sabedoria nem a fama, é uma outra coisa. A grande crise dele é porque ele não consegue resolver se ele quer a carne ou quer o espírito, ele não consegue querer uma coisa ao invés da outra.

Aluno: Então ele lê o que Deus queria.

Professor: Ele lê uma passagem de São Paulo. Quando ele lê aquilo, dá um "click" e ele fala que é aquilo... Na verdade, não é que ele fala que é aquilo, porque este movimento antecede o juízo da razão. Naquele momento ele vê a realidade do Cristo e nessa realidade ele está satisfeito, os dois lados estão satisfeitos. Isso é diferente de um ver. É um sentir lá no fundo de si mesmo. Esse pressentimento final conduz a alma à paz, a paz que ele sente imediatamente depois. Imediatamente depois, quando ele olha o desejo de sabedoria e o de fama, ele vê o que tem de bom e de mau em um e em outro. Como as duas coisas eram só símbolos, as duas coisas contém elementos de bem e de mal. Aí ele vai passar a usar a carne e o espírito para a glória de Deus.

Aluno: Ele não anula nenhum dos lados.

Professor: Exatamente, ele não anula. Isso que quer dizer "Deus não ama a morte e a justiça é imortal". A justiça aqui não significa a virtude da justiça, mas significa o uso dessas duas forças que tem no indivíduo para uma finalidade que

transcende completamente o indivíduo. Significa o reto uso das paixões carnais e espirituais. Isso é o que define o estado de santidade, essa capacidade que o sujeito adquire.

Aluno: Ele era o mais famoso e o mais sábio.

Professor: Isso. E mais famoso num sentido muito profundo, porque ele passa a ser o centro da cristandade ocidental, porque a história do cristianismo oriental começa em Santo Agostinho.

Aluno: Em São Paulo também.

Professor: Em São Paulo começa a história do cristianismo, tanto oriental quanto ocidental. Tanto o catolicismo quanto a igreja ortodoxa começa ali, nos apóstolos.

Para Santo Agostinho, sabedoria era aquilo que era vivido por Platão, Aristóteles e Plotino e é essa a sabedoria que ele reencontra e sintetiza em Cristo.

Aluno: Que é humana.

Professo: Claro, mas nele, ela vira a mesma coisa que Cristo.

A partir desse momento, um cristão estudar filosofia passa a ser um

instrumento de chegar ao Cristo. Até então, existiam sujeitos que eram cristãos primeiro, mas não podiam descer da condição de cristão para a de filósofo, porque seria um descer.

Aluno: E aqui a filosofia profunda é Cristo.

Professor: Exatamente. Aqui você tem um sujeito que estava em Deus pela filosofia e aí ele vira cristão. Mas até então existiam casos contrários, de sujeitos em que o desejo de sabedoria era mundano e que no decorrer se convertiam para o cristianismo. Quando eles se convertiam, eles abandonavam a filosofia, do mesmo jeito que Santo Agostinho abandonou os desejos de fama. No caso de Santo Agostinho, o desejo de sabedoria, o amor pela filosofia, a filosofia não representava o pólo mundano, o pólo carnal, representava o pólo espiritual. Então, quando ele se converte, ele não abandona isso, ele dá uma nova dimensão. Até o tempo de Santo Agostinho, nós temos grandes casos de sujeitos que eram filósofos antes, mas neles a palavra sabedoria não representava isso que representava para Santo Agostinho, mas representava o que a palavra fama representava para ele.

Quando eles se convertiam, eles renunciavam a isso. Na verdade, não é que eles renunciavam, mas o sujeito reencontrava a essência daquilo e abandonava a forma. Em Santo Agostinho aconteceu o contrário, aquilo representava justamente a coisa mais pura que têm no sujeito. Em Santo Agostinho, a palavra sabedoria que significava a filosofia de Platão, Aristóteles e Plotino, representava efetivamente a sabedoria humana de que São Tomás de Aquino fala depois.

Por exemplo: Você pode imaginar um caso contrário. Suponha um sujeito, cujo desejo mundano se resume em ser centro em cultura ou erudição. O que é fama para Santo Agostinho, para o outro é cultura e erudição, ou simplesmente ser capaz de fazer um discurso eloqüente e razoável acerca de qualquer assunto. Ser uma síntese dos conhecimentos no momento histórico dele e que em algum momento da vida experimentou a perfeição que é a misericórdia ou a generosidade gratuita. Algum dia deu uma esmola para um sujeito e percebeu ali aquilo que Santo Agostinho percebeu lá em Hortêncio. Quando esse sujeito se converter, ele vai abandonar todos os estudos e cuidar dos mendigos e ele vai falar que todo esse negócio de cultura não vale nada.

A experiência real que ele tem é de que a cultura é o mundo externo e misericórdia é o mundo interno. Até a época de Santo Agostinho isso aconteceu muito. Existem vários casos de santos que eram pessoas de grande cultura, mas para quem a cultura não era esse desejo de sabedoria que é em Santo Agostinho. Pessoas para quem a cultura é um bem externo e não interno, é simplesmente a capacidade de citar de memória grandes autores em qualquer assunto.

Deu pra perceber a diferença entre um desejo e o outro?

Exteriormente essas duas coisas parecem muito parecidas, mas interiormente elas tem um valor completamente diferente. Até então existiam pessoas de grande cultura que se converteram assim, mas eram pessoas para as quais a experiência de

cultura, a idéia de cultura, de sabedoria ou de erudição não correspondia a essa perfeição interior que é captada, a essa luz inicial, correspondia pelo contrário ao desejo original, à síntese dos desejos.

Parte II

Aluno: Por um lado me dá um conforto enorme conhecer as histórias dos santos, mas por outro lado gera um conflito, um desconforto tão grande, porque nós somos tão medíocres, estamos tão longe e isso para nós deveria servir como um padrão.

Professor: Veja bem, a leitura da vida dos santos tem uma dupla utilidade. Por um lado, sempre pode acontecer de o sujeito descobrir algo dele mesmo em algum santo, ou também acontecer do sujeito ter essa experiência do que é importante pra ele na biografia de algum santo. Essa experiência que Santo Agostinho teve lendo o Hortêncio e a segunda utilidade é aumentar a amplitude dos conflitos humanos do sujeito. É justamente o sujeito perceber que a alma dele vai desde esses conflitos do dia-a-dia até isso aqui. Isso aí por si amplia a alma do sujeito. Só isso já é um bem. É interessante também, que esse processo de dilatação e ampliação só acontece se o sujeito já teve essa experiência de algo que é a luz da vida dele, mesmo que ele não tenha percebido ou não tenha mais a consciência do que aconteceu que deu uma luz.

Aluno: Então o sujeito tem que ler de forma crítica?

Professor: Na verdade, o sujeito pode ler de forma crítica, mas isso não será muito benéfico para ele. Os grandes benefícios são esses: ou o sujeito descobre a luz que guia a sua vida ou sendo uma pessoa que já descobriu essa luz, ele amplia a dimensão dos conhecimentos dele.

[Alunos fazem comentários sobre o fato de que nem todos podem ser santos]

Professor: Exatamente, não vai todo mundo ficar santo, mas é possível para todo mundo adquirir essa luz e entrar nesse mesmo caminho e, portanto, consumar esse caminho depois da morte, ou na ocasião da morte. É muito mais comum do que as pessoas pensam que, nos momentos que precedem a morte, ou nos momentos que se sucedem a ela, a pessoa alcança a santidade.

Aluno: Quanto mais preparado estiver, mais fácil é.

Professor: Exatamente. Para o sujeito chegar ao final desse caminho, basta começar. Basta que ele descubra essa luz inicial e que ela se mantenha na mente dele o tempo todo, mesmo quando ele aja em vista do desejo contrário a isso, não importa. Se essa luz não se apaga é ela que vai salvá-lo no final, seja essa luz um senso de dever de cumprir uma função real, a sabedoria de Santo Agostinho. Ela pode ter a forma que for, se ela se mantiver ali é ela que mostra para o sujeito que ele está em conflito com ele mesmo. Se o sujeito tem isso, ele tem tudo. A santidade nada é senão a consumação dessa luz.

Uma vez que o sujeito mantém separada a luz e as trevas, depois que Santo Agostinho conseguiu a sabedoria, nunca mais no fundo dele, ele disse que a mesma coisa é ser sábio e não sê-lo; ou Santo Antônio, quando ele descobre essa humildade e esse apagamento, ele nunca mais disse para si mesmo que a mesma coisa é ser humilde e não ser; ou Santo Estevão, quando descobre que tem que cumprir a função real e isso é um dever, ele nunca mais disse para si mesmo que a mesma coisa é ter que ser um rei e não ter.

Quando o sujeito descobre isso, e isso está separado das trevas, isso decidiu o rumo da vida dele e uma vez que ele está na estrada certa, uma hora ele chega ao fim do caminho.

Acontece que, muitas vezes essa experiência se dilui no tempo e o sujeito não percebe; muitas vezes também, ela não se reveste de um caráter espiritual.

Do mesmo jeito que o desejo mundano pode se revestir de qualquer objeto externo, esse desejo espiritual pode se revestir de qualquer perfeição interna humana. Qualquer coisa que é uma perfeição humana interior pode ser a representante dessa aspiração. O importante aqui é que houve um momento em que o sujeito percebeu que ser um bom rei e não ser um bom rei não são duas coisas no mesmo plano. Ser um bom rei vale mais do que não ser um bom rei e é isso que Santo Estevão percebe. Como Santo Agostinho percebe que ser sábio e não ser sábio não são duas coisas no mesmo plano e que um é essencialmente melhor que o outro.

Por que essa sabedoria pode se revestir de qualquer positividade ou perfeição humana, em inúmeros casos, o sujeito entra na vida espiritual e nem sabe que está nela. Veja bem, se o sujeito vai avançando e chega ao sexto grau de perfeição, necessariamente ele se dá conta da identidade dessa sabedoria e o próprio Deus. O sujeito que chega nesse sexto grau, sabe que o que ele está fazendo é o caminho de Deus. Até então, o sujeito pode estar completamente inconsciente de que aquilo pode ter qualquer ligação com Deus, mas na pratica, efetivamente aquilo era Deus nele, mas sem um nome.

Isso é o que os santos chamam de "a humildade de Deus", ou seja, Deus guia um sujeito por anos e anos sem mostrar para o sujeito que é ele que está guiando. Deus não humilha o homem e isso de fato é uma humildade divina e sem ela seria impossível o sujeito ser salvo. Existem casos em que o sujeito era mundano, leu uma biografia de um santo e descobriu que era aquilo que ele queria, mas isso acontece raramente. Na maioria das vezes não é assim que acontece. Como no caso de Santo Estevão, o que recebe o nome de caminho de Deus é o caminho mundano.

Isso é a causa de degeneração de muitas instituições espirituais. Tem muita gente que vai para um mosteiro, movido por um desejo mundano de santidade e lá em nada contribui para a santificação do mosteiro ou dela. Ela só serve como semente de corrupção para o mosteiro.

[Alunos fazem comentários sobre Madre Teresa de Calcutá]

Professor: Se você observar muito de perto dos detalhes da biografia, e é isso que se faz num processo de canonização, dá pra dizer que um dia ela descobriu que a sabedoria nela era cuidar dos pobres e doentes. Se cuidar dos pobres e doentes era a sabedoria original, então era um caminho de santidade, o resto é de menos. A publicidade e o apagamento pouco importam. Outros descobriram que santidade é estar apagado, o apagamento é a humildade e nesse sujeito você tem que ver o traço do apagamento na sua carreira toda.

Em Santo Agostinho nós vemos que desde os dezoito anos até o final da vida é a mesma sabedoria que ele persegue, exatamente a mesma. Quando ele chega nesse sétimo grau, no ápice da vida espiritual, ele descobre que essa sabedoria tem uma dimensão mais profunda que abarca os outros desejos dele. Ele percebe que por trás dessa sabedoria está o outro lado do espelho e do outro lado do espelho tem o objeto que se apresenta no espelho e na imagem refletida. O sujeito acrescenta uma dimensão à sabedoria, assim como quando Santo Estevão corta seu manto (que é o símbolo da realeza) para dar para o mendigo, ele descobre uma nova dimensão no cumprimento da função real. Isso não quer dizer que a partir daí ele vá fazer outra coisa, ele vai continuar cumprindo a função real, mas agora ela tem uma dimensão diferente. Santo Agostinho quando se converte vai continuar buscando a mesma sabedoria, só que ela tem uma dimensão diferente, que transcende a dicotomia entre a busca da sabedoria e a busca de fama, ou no caso de Santo Estevão, o cumprimento dos deveres reais e o desejo de vida espiritual, de vida contemplativa.

Às vezes, em alguns casos, os dois desejos tomam forma espiritual, como no caso de São Francisco que é o próximo que nós vamos estudar e por isso eu não vou adiantar muito. São Francisco teve, por muitos anos, o conflito entre ser pregador do evangelho e ser um eremita, que só reza. Os dois conflitos, os dois desejos tinham forma espiritual.

O interessante em Santo Agostinho é que ele descobre que a sabedoria é a vida de filosofia, é o que faziam Sócrates, Platão, Aristóteles e Plotino. Quando ele descobre isso, ele tornou isso idêntico ao cristianismo. Nele ser filosofo e ser cristão é a mesma coisa. Existem muitas discussões entre especialistas nas obras de Santo Agostinho, sobre em que medida as obras são do filosofo ou são do cristão e do ponto de vista dos especialistas em teologia mística é completamente imbecil. Eles falam que neste sujeito filosofia e cristianismo são a mesma coisa, são efetivamente uma coisa só.

Aluno: Uma curiosidade histórica é que ele morre no fim do Império Romano, ele morre com o Império, mas não tem ninguém que diz que a Idade Média começa com a morte dele.

Professor: De fato, muitos autores consideram-no um dos primeiros homens medievais. Na pessoa dele o cristianismo assume o domínio ou conquista a última fronteira da civilização em que ele vivia.

Ele começou conquistando as pessoas, o pescador, o cobrador de impostos, então ele vai subindo até que uma hora começa a tomar os aristocratas, as cortes, e o cristianismo toma o mundo da cultura greco-romana. É na pessoa dele que o cristianismo consuma a sua conquista da civilização ocidental. Até então você tinha uma dimensão da vida ocidental, que era a vida intelectual que não pertencia ao cristianismo, que era pagã. Você começa um novo capítulo na história do cristianismo. Você pode, num certo sentido, dizer que a civilização ocidental como nós a conhecemos nasceu ali.

Aluno. Acho que não dá pra ser igual [aos santos].

Professor: É, nós escolhemos santos que não dá para igualar e que marcaram, de fato, a história do mundo. Nós podemos ser um Santo Antônio de Pádua, um Santo Estevão e assim por diante, mas um Santo Agostinho não.

Aluno: O que quer dizer "eu sou devoto" de um determinado santo?

Professor: Originariamente, a expressão "sou devoto" tem dois sentidos: ou porque você tinha nascido no dia em que se celebra aquele santo, ou porque você descobriu naquele santo um princípio de identificação pessoal muito forte. E aí faz muito sentido o sujeito ter uma devoção especial por aquele santo, porque aquele santo é ele mesmo já no céu, ele mesmo já na santidade.

Aluno: Essa discussão teológica que tem nos livros da história dele, dizendo que ele é um santo elitista, que ele fala da graça e que quando perguntam para ele se todos tem direito a serem cristãos, ele diz que é só para os escolhidos. Isso tem alguma relevância hoje?

Professor: Isso é relevante hoje. A questão de predestinação e graça é uma discussão que não tem uma solução unânime entre os santos até hoje. Se a gente pega a doutrina de Santo Agostinho sobre o pecado original, a graça e a predestinação, ela estiliza bastante numa direção e santos do mesmo porte enfatizam um aspecto completamente oposto e isso é de fato um problema sem solução.

Aluno: Esse é um problema existente na vida da igreja.

Professor: E que vai existir para sempre, porque esse é um problema que não tem solução especulativa. Em termos doutrinais ou intelectuais é como a discussão que existe na alma do sujeito entre o desejo mundano e o desejo espiritual. Enquanto você estiver aqui, no terreno do discurso, ou nesse plano, essas duas questões, esse conflito não tem solução. Esse conflito só tem solução num plano em que a vontade humana e a graça são a mesma coisa.

[Alunos e professor discutem sobre os pontos de vista dos santos]

[Aluno comenta a história de um carrasco nazista]

Professor: Um profeta do Islã, certa vez encontrou seus discípulos discutindo

essa questão de graça e predestinação e eles perguntaram para ele qual era a solução para esse problema, ao que o profeta respondeu: "pessoas de porte espiritual muito maior do que vocês foram condenadas ao inferno por ficar refletindo nessa questão".

Essa é uma questão muito difícil. Existe uma diferença entre expressões doutrinais que abrem a porta para intuições espirituais e expressões que fecham. Quando Santo Agostinho esboça toda uma doutrina do livre arbítrio, da graça, da predestinação, do pecado original, esse conjunto de conceitos, na forma em que ele expressa é um símbolo perfeitamente adequado dessa realidade e portanto essa expressão doutrinal é, nesse sentido, verdadeira.

Por exemplo: Suponha que eu faça uma descrição dessa garrafa térmica. Minha descrição é verdadeira se eu falar que a garrafa é prateada, de forma

aproximadamente cilíndrica, tem uma tampa de plástico preta... Tudo isso é uma descrição verdadeira.

Qual é o sentido de verdade aqui?

Veja bem, as palavras que eu estou usando, significam efetivamente aspectos da garrafa. A minha descrição é literalmente verdadeira.

Agora suponha que a garrafa seja um objeto interessantíssimo. Outra coisa seria eu representar a garrafa térmica num quadro. O quadro também pode ser uma representação verdadeira ou falsa, mas não no mesmo sentido em que o meu discurso literal é verdadeiro ou falso.

Por exemplo: Eu posso, ao invés de descrever a garrafa e se ela fosse um objeto de tamanho interesse, compor um poema sobre a realidade da garrafa. Esse poema não é literalmente verdadeiro, detalhe por detalhe. O que importa é que no conjunto ele transmite a realidade da coisa.

Quando se esboça uma doutrina sobre pecado original, livre arbítrio, graça, predestinação o que importa é que a doutrina como um todo seja um símbolo eficaz, que te permita captar aquela realidade e participar dela. É impossível que essa doutrina seja em cada detalhe verdadeira. Não é uma descrição exata do objeto, é uma representação daquela realidade, para que você a capte.

Uma expressão doutrinal vai ser mais eficaz para algumas pessoas, e outra vai ser mais eficaz para outra pessoa. Uma pessoa que tenha a experiência que Santo Agostinho tem, que é uma coisa que é certa, que é a sabedoria, e outra coisa que é errada, que são os desejos da carne e não agüenta seguir a sabedoria e segue os desejos da carne. A experiência que ele tem é que a vontade dele é fraca demais para fazer isso.

Como você vai explicar o que é livre arbítrio para uma pessoa que tem essa experiência da realidade?

Uma experiência completamente diferente é a experiência de Santo Estevão. Ele queria a vida espiritual, mas tinha que cumprir os deveres reais e ele os cumpria. Ele só tinha uma angustia interior. Ele não é o sujeito que você pode dizer que era um pecador. Era um sujeito de boa índole, de firmeza moral, que tinha a intensa experiência do seu próprio livre arbítrio.

São duas experiências humanas extremas. Se você falar para um sujeito que a vontade dele não conta nada, que ele não tem força nenhuma, ele vai dizer que não é verdade, que a realidade não é assim. Ele vai falar que na verdade humana já está embutida uma graça que dá força para perseverar no que é certo, desde o começo. Não tem uma doutrina que possa expressar literalmente esses dois extremos.

Alguns grandes teólogos vão falar que existe uma graça inerente, que está por trás de tudo e que não foi cancelada pelo pecado original, apenas obscurecida ou enfraquecida. E outro vai falar que com o pecado original nós perdemos isso.

Se você perguntar para Santo Estevão o que resolveu o problema da vida dele, ele vai te responder que foi descobrir o Cristo e em Cristo descobrir que ele cumpriu a vida espiritual e a função real e que isso não aconteceu pela vontade dele, que foi uma graça.

Isso quer dizer que a graça final, que dá a santidade, aparece para o sujeito nitidamente como uma graça. A experiência que consuma uma vida espiritual aparece como Deus que veio e te deu e você não tinha a menor idéia de que isso ia acontecer, mas a graça inicial pode aparecer como uma graça ou como uma vontade, como uma incapacidade ou como uma capacidade. A graça inicial para Santo Agostinho foi descobrir a sabedoria e descobrir a impotência para realizar isso. As duas coisas são a mesma graça para ele. Já a graça inicial para Santo Estevão é descobrir o dever da função real e a força para cumpri-lo.

No primeiro caso, a graça e a vontade aparecem como independentes e opostas e no segundo caso a graça e a vontade aparecem unidas. A graça final aparece para o sujeito como graça. Nenhum santo vai falar que aquilo que mudou a sua alma e deu a paz a sua alma foi a sua vontade, vai falar que é vontade de Deus e que está além do que lhe é devido. Mas a graça inicial pode ser indiscernível.

Para Santo Agostinho foi graça a consciência da sua impotência, para Santo Estevão foi graça a consciência moral de continuar cumprindo o dever.

As coisas humanas são ambíguas. O sujeito se dar conta da impotência dele para realizar a profissão, é uma perfeição humana. Mas o sujeito ter firmeza para perseverar numa profissão também é uma perfeição humana. Qualquer uma dessas pode ser uma representante inicial da graça.

É a mesma coisa que perguntar se os santos ficam tristes. É claro que os santos ficam tristes, porque existe uma ocasião em que os bons só podem ficar tristes. A felicidade inclui um componente de tristeza. Nenhum perfeito pode se alegrar com a condenação de um semelhante, ou com um simples sofrimento humano, porque os sentimentos de alegria e tristeza não medem a realidade que é a felicidade ou beatitude. Do mesmo jeito, a força de vontade ou a fraqueza da vontade podem ser veículos da graça, porque elas não medem a qualidade divina, elas são medidas por ela.

Vamos pensar assim: todos nós sabemos que é melhor estar alegre do que estar triste. Em princípio, se possível, "afasta de mim esse cálice", se possível deixa só no gostoso. Em princípio o livre arbítrio é melhor do que a fraqueza, a capacidade de perseverar numa coisa é melhor do que a incapacidade. Aí nós estamos considerando apenas a forma humana. Se você considerar a forma humana enquanto receptáculo da realidade as coisas se relativizam.

Pessoalmente eu sempre prefiro o gostoso ao desagradável, eu sempre prefiro estar alegre do que estar triste, mas se um amigo meu está sofrendo, eu não quero estar alegre, porque eu penso que o sujeito que está alegre quando seu amigo esta sofrendo é um canalha. Então você não quer mais estar alegre. Isso quer dizer que diante uma outra escala de valores, a alegria e a tristeza passaram a ter valores inversos. Em princípio a alegria é melhor que a tristeza, mas tem algumas ocasiões em que a tristeza é melhor que a alegria. Da mesma forma que a capacidade de perseverar numa boa obra é em si considerada melhor do que a incapacidade, mas diante de uma outra escala de valores, que é a vida espiritual, isso pode se inverter. Pode ser a incapacidade que te mantém na consciência divina e não a capacidade.

Os valores são muito claros quando você considera apenas a medida humana. Quando você considera que essa medida humana serve de e existe em função de ser um receptáculo para a realidade divina aí as coisas mudam um pouquinho. Aí tanto o que é humanamente bom e o que é humanamente mau podem ser veículos da graça.

Como dizem os estudiosos de teologia mística, você tem que medir em termos de veículos e obstáculos. Existem coisas na sua alma que são veículos da graça divina e coisas que são obstáculos. As coisas que são veículos podem ser boas ou más do ponto de vista humano, e as coisas que são más também.

Na verdade, se a gente considera só a forma humana, dentro dos valores humanos, isso já se aplica. Nenhum pai ou mãe gosta ou sente prazer em castigar o filho, no entanto ele prefere ver o filho livre daquele problema, daquele defeito ou daquele vício, a deixá-lo a mercê daquilo. Aí, em vista de uma outra coisa, a escala de valores mudou. Muito mais é assim quando o que temos em vista é Deus. Todos os valores humanos mudam.

Por exemplo: Mais vale a obtusidade natural de São José de Copertino do que a astúcia de Antonio Gramsci, do que toda a sua habilidade mental e intelectual. Em princípio a habilidade intelectual vale mais do que a obtusidade, evidentemente, mas quando você considera o ser humano como receptáculo divino você vai ver que este que é o melhor bem para o ser humano pode ser um grande mal, se não é veículo. São José de Copertino fez da sua obtusidade um veículo da graça divina. Antonio Gramsci fez da sua capacidade intelectual um obstáculo para a graça divina.

Em Santo Agostinho foi justamente a incapacidade de perseguir a sabedoria que foi o veículo da graça. Nesse sentido que ele se identifica tanto com São Paulo e tão pouco com São João. São João é aquele que desde os doze anos já está buscando a verdade, enquanto que São Paulo é cheio de conflitos. No caso de São Paulo, a

percepção de que ele era cego para a realidade foi o veículo da graça, em São João, a percepção de que ele tinha os olhos abertos é que foi o veículo para a graça.

A vontade pode ser veículo da graça de modo positivo ou negativo, de modo direto ou indireto, como tudo no ser humano. Isso vai variar principalmente devido as diferenças de temperamento e na verdade essa diversidade dos princípios humanos existe para lembrar que você é um ser humano e isso quer dizer que você é e não é Deus ao mesmo tempo. Isso quer que em relação a todo este mundo, você é Deus, mas que em relação a Deus, você é este mundo.

A doutrina de Santo Agostinho, da total impotência humana em relação a vida espiritual, tem um fundamento, no sentido em que ninguém pode consumar a sua própria santidade, mas ela não pode ser aceita como uma afirmação de que o ser humano é incapaz de virtude, porque em você mesmo tem uma virtude que esteve em você o tempo todo, a consciência clara de que a sabedoria é o melhor. Por outro lado também, ninguém pode dizer que a sua vontade é tudo, porque mesmo o caso mais favorável, como São Francisco, Santo Antônio de Pádua, Santa Tereza e Santo Estevão, quer dizer, pessoas que estão seguindo fielmente as suas consciências, também não chegam a santidade sem essa iniciativa pura da graça. Nem uma coisa é completamente verdadeira nem a outra, as duas são símbolos para a gente captar essa realidade. Num certo sentido o livre arbítrio é a graça e vice-versa e em outro sentido eles são completamente diferentes.